

Introdução

1. O que significa «oralidade»?

A oralidade é, a par da escrita, a segunda grande área de utilização da língua. (Na realidade, é até a primeira: tanto na história da humanidade quanto na de quase todos os indivíduos, as técnicas culturais escrever e ler surgem apenas depois de uma longa fase de comunicação exclusivamente oral.)

A oralidade compreende as duas dimensões ouvir e falar. Estas relacionam-se com as vertentes recetiva (ouvir/compreensão oral) e reprodutiva (falar) da comunicação oral. Isto significa, em especial, que estimular a perceção auditiva desempenha um papel relevante e de igual valor no desenvolvimento de competências comunicativas.

O trabalho no âmbito da oralidade exige a observação de regras próprias, mas não decorre de modo independente do desenvolvimento da escrita. Pelo contrário, a relação entre estas duas grandes áreas pode antes ser designada como circular: o que foi treinado no campo da oralidade, beneficia mais tarde a escrita e, em contrapartida, um bom domínio da escrita influencia a expressão oral, tornando-a mais diferenciada.

Os seguintes pontos são parte das características específicas da utilização oral da língua e são importantes para o trabalho na escola:

- Em situações de comunicação oral, os interlocutores encontram-se normalmente no mesmo sítio ao mesmo tempo. Isto permite a utilização de elementos miméticos e gestuais, bem como de sinais deícticos não verbais (apontar para alguém que está próximo ou para o céu nublado, por exemplo). Estes recursos são apoios à compreensão, o que faz sentido e é funcional face à «efemeridade» da comunicação oral. As situações de escrita são muito diferentes, porque os passos «escrever» e «ler» são desfasados e podem ser repetidos através da revisão e da releitura. (Uma posição especial, que não analisaremos aqui, assumem as conversas telefónicas ou os *chats* escritos.)

- Em termos linguísticos, a oralidade segue regras próprias, diferentes das da escrita. Frases incompletas, interrupções, repetições, mudanças pontuais de língua (por exemplo, da língua primeira para a língua escolar ou da língua-padrão para o dialeto), saltos associativos, etc., são normais e não incomodam na comunicação do dia a dia ou só incomodam em casos excepcionais. Em situações de oralidade «culta», como é o caso, por ex., de uma apresentação na escola, vigoram regras mais rígidas, mais próximas da escrita. Mas também aqui seria completamente errado exigir dos/as alunos/as que falem como se o que dizem estivesse «impresso». Isto não deve significar, no entanto, que se prescindia de momentos de treino em que se exercite intencionalmente um estilo oral cuidado e que este não seja praticado em contextos motivadores (representação cénica, apresentação oral, etc.)

2. Desenvolver a oralidade – e o seu significado para o ELH

A oralidade desempenha um papel importante nas aulas de língua. Isto também é, naturalmente, válido para as aulas do ensino da língua de herança. Esta importância é de imediato visível no facto de a maior parte da comunicação na sala de aula se desenrolar oralmente (sobretudo nos primeiros anos escolares). Quem quiser participar nas atividades das aulas, tem, por um lado, de saber ouvir e compreender o que ouve e, por outro lado, tem de dispor de diversas competências produtivas no âmbito da oralidade. O lugar proeminente da oralidade é visível no seguinte quadro das áreas de capacidades e de desenvolvimento no domínio da língua:

	Capacidades recetivas	Capacidades produtivas
Oralidade: competências primárias, «inatas»	Ouvir (compreensão oral)	Falar
Escrita: técnicas culturais secundárias adquiridas	Ler (compreensão da leitura)	Escrever

Em paralelo às duas grandes áreas da oralidade e da escrita, seria de referir a aquisição do vocabulário e da gramática, que, por um lado, acontece «naturalmente» e de forma não dirigida, mas que, por outro lado, é apoiada e aprofundada na escola.